

EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES COMUNITÁRIAS: O OLHAR DO JOVEM

Julia Shellard CORRÊA¹
Heloisa SZYMANSKI²

Resumo: O objetivo geral da pesquisa apresentada neste artigo foi o de investigar como dois jovens de uma comunidade da Zona Norte de São Paulo envolvidos em de atividades comunitárias compreenderam sua participação. O objetivo específico foi o de entender o que convocou os jovens a participar. A concepção de participação foi fundamentada no pensamento de Paulo Freire. O procedimento utilizado foi o da entrevista reflexiva individual e a análise apontou que os participantes, ao longo de suas vidas, usaram e se envolveram com diferentes espaços comunitários, tendo sido vistos como corresponsáveis pela transformação da realidade histórica e cultural da comunidade. Na fala dos entrevistados surgiram diferentes compreensões de participação, como ajuda e colaboração. A partir desses relatos, concluiu-se que suas histórias e vivências de participação na comunidade apontam

¹ Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e mestrado em Educação (Psicologia da Educação), pela PUC/SP. Atualmente é Psicóloga do SESI/SP, no *Projeto Vira Vida*. Tem experiência na área de Psicologia, Psicologia Comunitária, Psicologia Social e Assistência Social, atuando principalmente nos seguintes temas: saúde mental, família, criança, adolescente e juventude. E-mail: para.juco@gmail.com

² Doutora em educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: heloisa.szymanski@gmail.com

para um participar contextualizado, ou seja, a participação dos jovens acontece em um contexto comunitário que incentiva e valoriza esse tipo de envolvimento.

Palavras-chave: Participação e juventude. Participação e humanização. Jovens e atividades comunitárias.

PARTICIPATION EXPERIENCE IN COMMUNITY ACTIVITIES: THE VIEW OF THE YOUNG

Abstract: The main objective of this research was to investigate how two young people, who participate in community activities, at a neighborhood in the north side of São Paulo, understand their own participation. More specifically, it was aimed to comprehend what lead to their choice to participate. The concept of participation was based on Paulo Freire's work. The procedure used was the individual reflexive interview. The analysis showed that the participants, throughout their lives used and were involved with various community spaces; they were considered as jointly responsible for the transformation of the history and culture of the community. Different understandings of participation, such as collaboration and help appeared in the analysis. As a conclusion, it we could see that that their history and experiences on community participation pointed to a context of participation, that is, young people participate better in a context that values and encourages participation.

Keywords: Participation and youth. Participation and humanization. Youth and community activities.

Introdução

O objetivo da pesquisa aqui relatada foi o de investigar como jovens compreendem sua participação em atividades comunitárias, mais especificadamente, entender como essa atividade foi se configurando ao longo da vida dos jovens.

Inicialmente, foi apresentada a concepção de juventude que guiou o estudo mencionado e, a seguir, explanou-se a participação de jovens e adolescentes em atividades comunitárias, a partir de pesquisas. Por fim, foi esclarecido qual o conceito de participação que esteve presente nesta pesquisa, fundamentada no pensamento de Paulo Freire.

Juventude: a desconstrução de um conceito

O Estatuto da Juventude (BRASIL, 2014) define que jovem é a pessoa entre quinze e vinte e nove anos, sendo a juventude parte da diversidade da condição humana. Já a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece a juventude entre 15 e 24 anos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2012). Estes documentos trazem certa delimitação de quem é o jovem,

indicando idade e como eles são vistos na perspectiva do desenvolvimento.

Buscando compreender quem é o jovem hoje, Abramo e Branco (2005), Novaes e Vannuchi (2004), Ozella e Aguiar (2008) e Elzo (2008) ressaltam a importância de *desnaturalizar* o conceito de juventude, considerando sua historicidade (NOVAES e VANNUCHI, 2004). A juventude é *recortada* e criada de maneira social, histórica e cultural, a partir do modo como determinada sociedade vê essa etapa da vida, e de como é vivida por seus múltiplos indivíduos (ABRAMO e BRANCO, 2005; ELZO, 2008). Desta maneira, Abramo e Branco (2005) pontuam que não se deve falar em juventude, mas em juventudes, de maneira a dar conta de todas as possibilidades de viver esse momento.

Frezza, Maraschin e Santos (2009) argumentam que as expectativas e modelos de vida dos jovens são definidas por adultos, ocasionando uma visão descontextualizada do jovem, sem dar conta da sua diversidade. Dessa maneira, para que se possa falar dos jovens contemporâneos, deve-se atentar para o mundo de hoje, para suas diferenças e desigualdades, de maneira a considerar todas as possibilidades de

viver esse momento (ABRAMO e BRANCO, 2005), atentando para a perspectiva do próprio jovem.

A reformulação do conceito de adolescente é fundamental para introduzir a forma com que o jovem é compreendido nesta pesquisa. Tal compreensão tem como referência a visão freireana sobre a natureza humana. Segundo Paulo Freire o homem é um ser inacabado. Sendo a incompletude entendida como uma condição da existência do homem, é contínuo, sem fim. A consciência do inacabamento coloca o homem em uma constante busca por tornar-se, fazer-se (STRECK, REDIN e ZITKOSKI, 2008). Ao se compreender como sujeito responsável e ativo por sua própria transformação e de sua realidade, o homem se humaniza. É essa sua tarefa histórica. É essa vocação, construir-se, *Ser Mais* (FREIRE, 2005).

Desta forma, a juventude é tida, nesta pesquisa, como um momento da vida da pessoa, entre os 15 e 29 anos, sendo o jovem um sujeito inacabado, cuja busca por *Ser Mais* se dá nas relações estabelecidas com os outros (professores, família e colegas) e com a realidade social e cultural em que vive (ano, século, bairro, cidade, país).

Participação de jovens em atividades comunitárias

Na pesquisa bibliográfica sobre participação de jovens, o termo protagonismo aparece associado a esse assunto e, em alguns casos, empregado como substituto de participação. No entanto, como apontado por Ferretti, Zibas e Tartuce (2004) e Zibas, Ferretti e Tartuce (2006), *protagonismo juvenil* não é uma terminologia clara, pois serve de referência para diversos comportamentos do jovem, a depender do contexto. Além disso, estudos sobre *protagonismo* partem de uma compreensão estereotipada de juventude, como um momento caracterizado por uma postura passiva e de manutenção da ordem social vigente. A falta de especificidade corrobora a preferência desta pesquisa em utilizar o termo *participação*, por ser mais objetivo e claro quanto à ação do adolescente a ser investigada, mas, principalmente, pela coerência com o pensamento de Paulo Freire.

A participação de jovens tem foco especial no Estatuto da Juventude (BRASIL, 2014) não só por considerá-la um direito a ser garantido, mas também por especificar o que é essa participação, sendo um ponto retomado

diversas vezes no documento. Tanto no Estatuto da Juventude, como na literatura pesquisada, a participação de jovens na vida política (em espaços de decisão de ações e políticas públicas) é a forma de participar mais enfocada pelos artigos.

Segundo Bordenave (1983), a participação é uma temática que acompanha a história da vida social do homem, já que este se constitui na relação com os outros, estabelecendo alguma forma de participação. Desta forma, deve ser considerado o contexto histórico e social em que o sujeito se encontra ao olhar para sua participação.

Nesse sentido, Singer (2005), Krischke (2005), Brenner e Carrano (2008), Venturi e Brokany (2005) e Sposito (2010) destacam que a participação política dos jovens tem, hoje, características associativas não convencionais, como fazer parte de protestos e de movimentos sociais. Essa noção se contrapõe a um modelo de participação baseado nos jovens dos anos sessenta, em espaços mais tradicionais, como partidos políticos.

Como bem sinalizam Terahata (2008), Souza, Finkler, Dell'Aglio e Koller (2010), as pesquisas sobre o participar da juventude, em geral,

apresentam a perspectiva do adulto sobre a questão, e não a do jovem, o que pode criar dificuldades à participação dessa população, seja na formulação de políticas públicas e projetos, seja nas ações que lhes dizem respeito. Ferretti, Zibas e Tartuce (2004) e Zibas, Ferretti e Tartuce (2006) chamam a atenção para esse aspecto no ambiente escolar, em que o ponto de vista do adulto para pensar e propor a participação dos alunos pode dificultar uma real e autêntica participação.

Bordenave (1983), ao tratar de espaços de participação, diferencia a microparticipação e a macroparticipação. A primeira se refere a associações, amigos, comunidade e família; já a segunda faz referência à sociedade como um todo. A primeira é fundamental, já que na micro há o aprendizado, desenvolvimento e ampliação da participação. Terahata (2004), Souza, Finkler, Dell'Aglio e Koller (2010), Ferretti, Zibas e Tartuce (2004) e Zibas, Ferretti e Tartuce (2006) apontam educadores e instituições educacionais como responsáveis por promover tempos e espaços para que jovens participem, pois é na prática da participação que se aprende a participar.

Pode-se notar que, nas pesquisas acima citadas, foram apresentados diferentes pontos de vista sobre o que seja participação, como: tomada de poder, inserção em ou comprometimento com partidos políticos, movimentos sociais, consumo de bens, necessidades do homem, instrumento para a resolução de problemas e revelação da singularidade. Dentre as possíveis concepções de participação, esta pesquisa utilizará a proposta pelo referencial freireano, que muito se assemelha à visão do participar como intervenção ativa, como diálogo, e a escola, como espaço fundamental para seu acontecimento.

Um olhar para a participação fundamentada em Paulo Freire

Para Paulo Freire, participar é ter voz (FREIRE, 2001), intervir no mundo e tomar decisões sobre o que lhe diz respeito, buscando seu próprio processo histórico (FREIRE, 2011). Sua vida, seu estar no mundo deixa de ser algo dado, natural e determinado. Na participação, o homem passa a ser responsável e ter autonomia no processo de construção e recriação da sua realidade, da sua história e do mundo, a qual não acontece sozinha, mas sempre com os outros.

Segundo Freire (2010), participar é uma condição ontológica, já que todo ser é inacabado e o homem tem condição de saber-se incompleto, podendo buscar a sua humanização, construir-se. Participar é a busca por *Ser Mais*.

De acordo com Freire (2005), a realidade social existe enquanto produto da ação dos homens. As características socioculturais em que uma pessoa nasce e se desenvolve foram constituídas a partir da ação dos homens, e tais características irão incidir sobre a maneira desse sujeito estar no e com o mundo. O reconhecimento de Freire (2005) sobre esse processo coloca o homem não só em um lugar e tempo específico, mas também como parte da construção e transformação sociocultural da humanidade. São esses aspectos que possibilitam caracterizar o homem como ser inacabado. A incompletude é aqui entendida como uma condição da existência do homem, portanto, ele é contínuo e sem fim.

A consciência do inacabamento coloca o homem em uma constante busca por tornar-se, fazer-se (STRECK, REDIN e ZITKOSKI, 2008). Ao se compreender como sujeito responsável e ativo por sua própria transformação e

de sua realidade, o homem se humaniza. É essa sua tarefa histórica. É essa vocação, construir-se, *Ser Mais* (FREIRE, 2005).

Portanto, participar não é simplesmente um agir no mundo, uma presença, uma ajuda ou uma colaboração (FREIRE, 2001), mas uma ação que gera reflexão e uma reflexão que gera ação na busca por humanizar-se, por *Ser Mais*. Essa é a diferença entre a *falsa* e a *verdadeira* participação. A falsa participação seria a presença e colaboração das pessoas em mutirões, entre outras iniciativas, que, muitas vezes, assumem uma responsabilidade que seria do governo. Já a real participação, a *verdadeira*, é um apropriar-se do próprio contexto histórico e social.

Para Paulo Freire, o ser humano é um ser de relações (FREIRE, 2001). O fazer-se, o humanizar-se, a transformação e a construção do mundo não se dão no vácuo (nem de forma separada). A interferência do homem sobre sua condição histórica e social incide sobre suas relações e é por meio dessa interferência que exerce sua humanidade (BEISIEGEL, 1982). É na troca, no diálogo entre homem-mundo, homem-homem que o sujeito se

constrói, e a realidade se transforma num processo contínuo e concomitante de reflexão e ação.

Segundo Freire (1995), participação e educação (educação libertadora) estão diretamente relacionados. A educação é política (FREIRE, 2010) e uma educação libertadora tem como papel fundamental promover e engajar os sujeitos na luta pela liberdade e pela humanização. O diálogo é um aspecto fundamental à educação libertadora, pois ela acontece *com* os educandos, pois se reconhece e respeita os saberes e a autonomia do próprio educando (FREIRE, 2010). E é neste reconhecimento que a participação do aluno é entendida e incentivada na sala de aula (FREIRE, 2001).

A presença e envolvimento dos jovens em situações e momentos de tomada de decisões de questões que lhes dizem respeito constituem o modo como a participação é compreendida nesta pesquisa ao olhar a participação em atividades comunitárias dos jovens entrevistados.

Método

Contexto da Pesquisa – Associação Comunitária

A pesquisa aqui relatada foi realizada com jovens que participam de atividades comunitárias em um bairro na Zona Norte de São Paulo. O contato com eles se deu mediante indicação dos gestores da Associação Comunitária.

A referida Associação Comunitária tem um forte histórico de lutas e conquistas para a garantia dos direitos da comunidade. Por ter sido uma área de ocupação, condições básicas de moradia, segurança e saúde eram precárias ou, simplesmente, não existiam. Desse modo, a trajetória da Associação transformou-a em uma referência na região por suas conquistas, sua atuação firme e articulada com a comunidade, bairros vizinhos, instituições privadas e públicas.

Participantes

Foram entrevistados dois jovens que participam de atividades comunitárias da Associação Comunitária.

Pedro, de vinte e oito anos, casado e com filhos, mora em São Paulo desde 2003, mas na comunidade está desde 2008 e atua como educador social na Associação Comunitária. Ele também está envolvido nas reuniões sobre habitação e moradia na comunidade e participa de atividades

comunitárias, desde a adolescência, em outras localidades.

João, de dezenove anos, sempre morou na comunidade em que se desenvolveu o estudo aqui apresentado. Já participou dos programas da Associação quando era criança e adolescente e hoje ajuda no que é solicitado com atividades variadas como consertar computadores, participar de reuniões da associação de moradores ou levar o lixo à rua.

Características metodológicas

Considerando o objetivo deste estudo – investigar a compreensão que jovens têm de sua participação em atividades comunitárias –, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa.

Lüdke e André (1986) esclarecem que por muito tempo a pesquisa em educação foi influenciada pelo paradigma positivista, presente nas ciências físicas e naturais. No entanto, para responder à complexidade dos fenômenos educacionais, começaram a ser desenvolvidas outras possibilidades metodológicas. Segundo Minayo (2010), a pesquisa qualitativa busca a percepção de um acontecimento social, interpretações sobre experiências vividas por parte de um grupo

específico, a partir do relato de seus membros.

A pesquisa qualitativa apresenta cinco características, segundo Lüdke e André (1986): 1) a coleta de dados é feita no ambiente natural; 2) os dados são, principalmente, descritivos; 3) o processo é mais importante que o produto; 4) buscam-se os significados dados às coisas e situações; 5) a análise segue um processo indutivo.

Procedimento

O procedimento utilizado na pesquisa foi o da entrevista reflexiva individual (SZYMANSKI, 2002). A entrevista reflexiva pressupõe uma relação de horizontalidade entre entrevistado e entrevistador aos moldes da reflexividade, isto é, cabe ao entrevistador apresentar suas impressões sobre a fala do entrevistado, dando-se a este a oportunidade de concordar ou não com o que for expresso.

A entrevista reflexiva pressupõe, pelo menos, dois encontros com cada participante. No primeiro, há uma apresentação dos entrevistados e uma condução da entrevista a respeito de um determinado tema e, no segundo, temos a devolutiva do encontro anterior

apresentada à compreensão do que foi falado e discutido naquele momento, permitindo, assim, aos entrevistados refletir e rever suas próprias falas.

Antes do primeiro encontro, foram elaboradas as questões preparatórias e desencadeadoras objetivando possibilitar o início da fala dos entrevistados sobre o tema estudado e abordar o objetivo do estudo, respectivamente. As perguntas preparatórias foram: Você participou de alguma atividade da comunidade? Qual foi a primeira? O que você fazia nessa atividade? Como você chegou até essa atividade? A questão desencadeadora foi: O que te fez participar?

Análise

A análise foi realizada em etapas que se caracterizaram pela imersão no conteúdo da entrevista, identificação dos aspectos significativos e agrupamento de temas comuns denominados *constelações* (SZYMANSKI, 2012) sendo esse último um caminho para a compreensão do fenômeno pesquisado, neste caso, a participação de jovens em atividades comunitárias.

Resultados e Análise

Foram realizados quatro encontros, dois com cada entrevistado, o primeiro encontro para as entrevistas e o segundo, para as devolutivas. As entrevistas foram gravadas e, então, transcritas.

A análise resultou na construção de quatro constelações:

a) *História de vida:*

- (a1) História – aspectos pontuais da história de vida do entrevistado;
- (a2) Comunidade – características comunitárias que favorecem ou dificultam a participação;
- (a3) Educação – aprendizado e formação;
- (a4) Expectativa – o que é esperado e pretende para o futuro.

b) *Atividades:* atividades de participação, ou não, com as quais está envolvido;

c) *Participação:*

- (c1) Como a participação é compreendida?;
- (c2) O sentido da participação – O para quê, a razão de participar?;
- (c3) Consequências – Os produtos da participação, as mudanças e os limites;

Pedro ainda teve um agrupamento.

d) *Trabalho:* Aspectos, envolvimento e reflexões relativas ao tema.

A seguir são apresentadas sínteses da análise feita das entrevistas a partir das constelações formadas.

Pedro

Pedro apresentou uma história de envolvimento cultural com a comunidade em que nasceu, que é diferente da comunidade em que mora e trabalha, na qual, segundo ele, a vivência de uma diversidade cultural é mais escassa. Esse aspecto dificultaria o interesse de crianças e jovens nas atividades de capoeira e cultura popular desenvolvidas por ele.

o que meu pai tentou me passar como cultura, eu consegui compreender, ele tava próximo, a comunidade mostrava isso. Eu entendo que um pai de uma comunidade como essa aqui, ele não tenha esse tipo de linguagem para passar para o filho, e nem a própria comunidade facilita esse tipo de linguagem (sic).

As atividades comunitárias com as quais Pedro encontrava-se envolvido estavam diretamente relacionadas à sua atuação profissional como educador na Associação Comunitária. A responsabilidade por sua profissão manifestou-se por meio de sua presença nas reuniões, pela busca da mobilização dos envolvidos, chamando e buscando conhecer as condições de vida e realidade da comunidade. A participação em atividades comunitárias foi, portanto, compreendida como um compromisso: *“atuar com as crianças envolve a responsabilidade de saber como é a vida daquela criança fora do nosso espaço. Por isso eu procuro estar presente nas reuniões” (sic)*. O sentido de participar era o de ajudar as famílias, educar as crianças e manter a capoeira viva. Apesar de algumas dificuldades e limites de sua atuação, Pedro relatou ter grande satisfação com as consequências de seu trabalho e as atividades que o envolvem, pois vê mudanças e melhoras nos seus educandos, nas condições de

vidas das famílias e na comunidade: *“Eu fico muito feliz quando olho para alguma criança, e eu consigo ver que o que eu fiz ajudou” (sic)*.

João

O desenvolvimento da comunidade aconteceu simultaneamente ao crescimento de João, que sempre morou lá: *“Então todo processo de evolução do bairro eu participei ativamente na forma de brincar” (sic)*. Em contraponto ao crime organizado e da violência, a Associação Comunitária surgiu como um espaço de acolhimento e oportunidades. Com ela, João se envolve em diferentes momentos da sua vida. Ao tratar desse relacionamento, o entrevistado valorizou os vínculos estabelecidos com a própria organização, como com seus funcionários.

João, em sua entrevista, enfatizou que sua participação em atividades comunitárias aconteceu, principalmente, por meio de ações e projetos da Associação Comunitária, ajudando na creche, oferecendo curso para os adolescentes, indo a reuniões e encontros. No que diz respeito à atuação junto a crianças e adolescentes, João compreende sua participação como ser,

ele mesmo, uma referência quando se trata das possibilidades de desenvolvimento na e para a comunidade.

O importante é eu passar o que eu sei para esses jovens, para que um dia eles também possam voltar. Foi o que eu falei para eles: 'Eu quero que vocês voltem aqui, como eu. (...) eu só quero que vocês, talvez, me peguem como exemplo, vá lá e tenha aquela vontade de voltar, porque assim como eu já estive sentado aí, já tive uma oportunidade, hoje eu tenho a oportunidade de falar de uma oportunidade que eu tive' (sic).

Destacou que a razão de participar dessas atividades está relacionada ao seu histórico com a Associação, buscando retribuir as oportunidades que lhe foram oferecidas. Além disso, falou de seu interesse em ajudar a comunidade e seus moradores, possibilitando novas e contínuas oportunidades a todos, assim como a si mesmo: *"E tanto que eu estou fazendo licenciatura em Geografia para dar aula dentro da comunidade"* (sic).

Discussão

A partir da análise das constelações formadas pelas entrevistas, observa-se que João e Pedro destacaram seu envolvimento com a Associação Comunitária, como atividades de participação, seja como educador, seja

como colaborador, seja mesmo como aluno, nas reuniões, atividades e ações dos projetos desenvolvidos pela entidade. Singer (2005), Venturi e Brokany (2005), Krischke (2005), Sposito (2010), Brenner e Carrano (2008) constataram essa tendência da participação dos jovens que se caracteriza por uma participação *não tradicional*, buscando uma ação mais direta, por meio de associações e movimentos sociais.

Apesar do envolvimento com a Associação Comunitária, a compreensão de participação, assim como sua razão e consequência expõem pontos de vista diferentes entre os dois entrevistados. Abramo e Branco (2005) e Elzo (2008) apontaram a importância de atentar para as condições sociais, culturais e históricas para entender quem é jovem e de que juventude se está falando. Abramo (2005) indica que uma variável importante é a idade, pois expressa formas diferentes de viver a juventude. João e Pedro estão em polos opostos da faixa etária que a literatura especializada considera juventude – João tem dezenove e Pedro, vinte e oito anos –, o que acarreta experiências e compreensões diferentes, tanto nos estudos, como no trabalho, nos

relacionamentos e na moradia. Essa diferença pode ter contribuído para a compreensão que têm de participação.

Em concordância com o discutido por Bordenave (1983) ao tratar da macro e microparticipação, por Souza, Finkler, Dell'Aglio e Koller (2010) e Terahata (2004) ao proporem a participação como forma de aprender a participar, e por Ferretti, Zibas e Tartuce (2004) e Zibas, Ferretti e Tartuce (2006) que complementam sugerindo dinâmicas e ferramentas para trabalhar essa questão na escola, é possível afirmar que Pedro e João identificaram situações de participação de sua história de vida (infância e adolescência), que consideraram relevantes para que tivessem, na participação e envolvimento comunitário, um caminho de atuação. A Associação Comunitária, segundo os entrevistados, teve um papel muito importante, ao incentivar e valorizar este movimento. No entanto, apontam que o participar no passado favoreceu uma participação futura.

As reflexões e apontamentos feitos pelos autores pesquisados corroboram o que se constatou nas entrevistas realizadas. Porém, considerando-se o referencial teórico de Paulo Freire, em

que a participação é mais do que uma presença, uma ajuda ou uma colaboração, mas, sim, um apropriar-se do próprio contexto histórico e social em se vive e tomar decisões sobre a sua realidade, sendo um processo de ação e reflexão contínuo, na busca da humanização, torna-se presente outra compreensão de João e Pedro sobre sua participação.

Pedro, ao falar sobre sua participação, coloca-a em um contexto de trabalho, como uma responsabilidade e função profissional, já que trabalha como educador na Associação Comunitária. Ele destaca o aspecto de ajudar a comunidade e os moradores a melhorar as condições de habitação e de lazer. Fala de conhecer e entender a vida e a realidade das crianças da comunidade. Assim, participa porque se preocupa e essa é sua responsabilidade como educador. Sua participação, portanto, está direcionada ao outro, ao morador da comunidade, à família, à criança. Participar não aparece como uma apropriação do seu processo histórico, pelo contrário, sua história não está contemplada nessa participação, não procura mudar com os outros a realidade e o contexto que lhes é comum; na verdade, ele busca essa

mudança para o outro. Há um envolvimento do jovem com as questões da comunidade e um compromisso com a transformação dessa realidade social, mas ele próprio, Pedro, não se refere à sua implicação nessas mudanças.

O entendimento da participação como ajuda também aparece na fala de João.

João comenta sobre o fato de os jovens estarem mais participativos, fala das reuniões da comunidade e com representantes do Poder Legislativo, vê a participação como ter ciência do que acontece a fim de direcionar ações às causas e aos problemas da juventude. Dessa forma, o jovem responsabiliza-se pelas decisões a serem tomadas no coletivo e que lhe dizem respeito. A existência de projetos para a juventude surge como possibilidade a partir da luta e da ação dos próprios jovens. Essa participação é a apropriação do seu processo histórico, na sua própria história: de tomar decisões a respeito da sua própria realidade ou, ao menos, luta-se por isso.

João expos, ainda, outro entendimento de participação. O entrevistado mencionou *ser uma referência* como uma forma de

participação. Sendo uma referência, João tem o intuito de fazer com que os jovens voltem sua atenção à comunidade, envolvam-se na sua transformação e humanizem-se durante o processo, tornando-se alguém, sujeitos a partir da própria ação na e com a comunidade. Ele torna-se, faz-se à medida que se responsabiliza e busca a transformação da sua realidade e a da comunidade, que se dão juntas, na relação com esses jovens. *Ser uma referência* é tornar-se, é humanizar-se na relação com os outros. No entanto, *ser uma referência* também acaba por separá-lo do outro e do mundo. Em certa medida, essa compreensão apresenta elementos de um processo humanizador, mas, ao mesmo tempo, evidencia aspectos que o distanciam de seu contexto histórico e cultural.

Em relação à *falsa* e à *verdadeira* participação de Freire (1995), observou-se, que não ocorreu tal dicotomia nos casos de participação desses dois jovens. Houve momentos em que a compreensão de participação dos jovens entrevistados apresentava elementos de uma *falsa* participação, e, em outros períodos, aproximava-se da *verdadeira*, caracterizando, assim, um fenômeno complexo, para além de uma

determinação única da participação como *verdadeira* ou *falsa*. As entrevistas apontam para um envolvimento dos dois jovens com questões e atividades da comunidade, independente de ser considerada *falsa* ou *verdadeira*.

Atentando para a história de vida dos jovens, Pedro, ao falar da comunidade em que cresceu, ressaltou a questão da troca de culturas entre os moradores, indicando um reconhecimento do outro como detentor de um saber. A comunidade como um todo – adultos e crianças – tinha algo a acrescentar e ensinar para o outro e com o outro, no dia a dia, nas apresentações e eventos na cidade. Dessa maneira, cada um é visto como construtor e transformador da realidade, como responsável pelo processo histórico e cultural da comunidade. Pedro, na sua história de participação e envolvimento comunitário, apresenta a vivência de ser reconhecido como detentor de um saber e de ser responsável por seu próprio processo histórico e da sua cultura. Segundo Freire (2005) é nessa ação, nessa atitude perante e com o mundo que o homem se humaniza e, de acordo com Streck, Redin e Zitkoski (2008),

como expressa a sua vocação por *Ser Mais*.

De acordo com João, a Associação Comunitária sempre se colocou de forma disponível a acolher as demandas dos moradores, dialogando com eles e estando aberta a qualquer forma de envolvimento com a comunidade. Percebe-se, nessa fala, que o jovem atribui à Associação Comunitária disponibilidade de estar com outro, reconhecendo-o como sujeito, como homem, inacabado, *sendo*, humanizando-se junto com a própria comunidade. Desse modo, a Associação, apesar de suas conquistas e histórias de lutas comunitárias, não se coloca como se fosse detentora do saber, de como as coisas são, ou deveriam ser. Pelo contrário, tem o outro, o morador, como parte do seu processo histórico de transformação da realidade.

Essa história e vivência de participação na comunidade aponta para um participar contextualizado, ou seja, a participação dos jovens se dá em um contexto comunitário que incentiva e valoriza esse tipo de envolvimento.

Pedro fala, ainda, da utilização dos espaços da cidade, assim como da integração da escola e da comunidade.

João trouxe uma vivência semelhante, tratando de quando era pequeno e brincava com as conquistas da comunidade: o asfalto, as pedrinhas e a canalização do esgoto. Ambas as histórias apresentam uma comunidade integrada, aberta e acessível às crianças e jovens.

A discussão e análise que se seguiram tiveram como objetivo responder às questões de como os jovens entrevistados compreendem sua participação em atividades comunitárias, destacando o que, na sua história de vida, levou-os a essa participação, tendo como subsídio o pensamento freireano. Identificou-se, nas falas dos jovens, a participação como ajuda e colaboração, estando ela direcionada ao outro e como busca por ser, por humanizar-se na e com a comunidade.

A respeito da sua história de participação, João e Pedro, apesar de terem passado a infância em comunidades diferentes, expressaram a vivência de terem sido vistos e tratados como sujeitos em construção e parte do processo histórico e cultural da comunidade. Também destacaram o uso e a ocupação dos espaços comunitários

como condições presentes no seu processo de participação.

Considerando os objetivos propostos nesta pesquisa, deve-se ressaltar o aspecto compreensivo do fenômeno estudado (a participação de jovens em atividades comunitárias). Não se buscou, nas falas dos entrevistados, uma generalização, mas, sim, saber como a participação comunitária era entendida por esses dois jovens, e foi o que se apresentou.

Considerações finais

A partir do que Pedro e João destacaram em suas entrevistas a respeito da sua história de participação, indica-se que, mais do que reproduzir e criar estratégias para trabalhar a participação de crianças e adolescentes, é importante atentar para que estes tenham, realmente, a oportunidade de participar – o que só é possível, conforme o pensamento freireano, se reconhecidos pelo outro como incompletos e em busca por humanizar-se.

Ao conceber um processo educativo visando à participação dos jovens, uma educação libertadora, que compreende a criança, o adolescente e o jovem como sujeitos que interferem na

sua própria realidade e buscam sua humanização com o mundo e no mundo, possibilita-se um contexto favorecedor de participação. Pedro e João valorizam a presença na rua, a integração da escola com outros espaços da comunidade e a atuação com a comunidade. A educação libertadora dos jovens entrevistados se deu participando nesse contexto não formal. Bordenave (1983) e Terahata (2004) apontam a importância de espaços educativos atentarem para o aprendizado da participação de crianças e adolescentes. Fernandes (2009) e Gadotti (2009) destacam a importância da articulação dos espaços comunitários (formais e não formais). Por esse motivo, essa educação não deve ficar restrita à escola. Os espaços de aprendizado devem ser expandidos para a comunidade, articulando suas instituições e organizações, tornando-os, intencionalmente, educativos, promovendo e possibilitando, dessa maneira, uma ‘cidade educativa’ (FERNANDES, 2009). Uma educação que se dá por meio do diálogo e tem o outro como detentor de um saber que lhe diz respeito.

Este estudo abre-se para a possibilidade do desenvolvimento de

pesquisas voltadas à investigação de práticas educativas escolares e comunitárias que visem e estimulem o participar de crianças e adolescentes, assim como para as repercussões educativas de ações articuladas entre escola, família e comunidade.

Referências

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. P. M. (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira – Análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. P. M. (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira – Análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

BEISIEGEL, C. de R. *Política e educação popular – A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. São Paulo: Ática, 1982.

BORDENAVE, J. E. D. *O que é participação*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

BRASIL. *Estatuto da Juventude*. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acessado em 26 jul. 2014.

BRENNER, A. K. e CARRANO, P. C. R. Formas e conteúdos da participação de jovens na vida pública. *Proposta – Revista trimestral de Debate da Fase*, v. 115, p. 66-71, 2008.

ELZO, J. *La voz de los adolescentes*. Madrid: PPC, 2008.

FERNANDES, R. S. A cidade educativa como espaço de educação não formal, as crianças e os jovens. *Revista eletrônica de educação*, v. 3, n. 1, p. 58-74, Maio 2009.

FERRETTI, C. J.; ZIBAS, D. M. L.; TARTUCE, G. L. P. Protagonismo Juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. *Cadernos de Pesquisa*. v. 34, n. 122, p. 411-423, 2004.

FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, P. (1991). *A Educação na Cidade*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. (1979). *Educação e Mudança*. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. (1970). *Pedagogia do Oprimido*. 42. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. (1993) *Política e Educação: ensaios*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. (Questões da Nossa Época).

FREZZA, M.; MARASCHIN, C. e SANTOS, N. S. dos. Juventude como problema de Política Pública. *Psicologia e Sociedade*, v. 21, n. 3, p. 313-323, 2009.

GADOTTI, M. *Educação Integral no Brasil: Inovação em processo*. São

Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

KRISCHKE, P. Questões sobre juventude, cultura política e participação democrática. In: ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. P. M. (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira – Análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U, 1986.

MINAYO, M. C. S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

NOVAES, R. VANNUCHI, P. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

OZELLA, S. e AGUIAR, W. M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, v. 38, n. 133, p. 97-125, 2008.

SINGER, P. A Juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. P. M. (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira – Análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

SOUZA, A. P. L.; FINKLER, L.; DELL'AGLIO, D. D. e KOLLER, S. H. Participação social e protagonismo: reflexões a partir das Conferências de Direitos da Crianças e do Adolescente no Brasil. *Avances en Psicología*

Latinoamericana, v. 28, n. 2, p. 178-193, Bogotá, Colombia, 2010.

SPOSITO, M. P. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. *Educação e Pesquisa* n. 39 (número especial), p. 93-104, 2010.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SZYMANSKI, H. *A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva*. Brasília: Plano, 2002.

SZYMANSKI, H. A prática reflexiva em pesquisas com famílias de baixa renda. Disponível em <http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt1/06.pdf>. São Paulo, Acessado em 01 jul. 2012.

TERAHATA, A. M. *O sentido de Participação: um estudo com jovens de uma comunidade de baixa renda*. 2004. Dissertação (Mestrado). PUC/SP, São

Paulo, 2004. [Orientadora: Heloisa Szymanski]

TERAHATA, A. M. *Sentidos de participação e autoridade: um olhar sobre uma experiência comunitária*. 2008. Tese (Doutorado). PUC/SP, São Paulo, 2008. 173p. [Orientadora: Heloisa Szymanski]

VENTURI e BROKANY. Maioria adaptadas, minorias progressistas. In: ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. P. M. (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira – Análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Disponível em: http://www.who.int/maternal_child_adolescent/topics/dev/en/index.html. Acessado em 04 ago. 2012.

ZIBAS, D. M. L.; FERRETTI, C. J.; TARTUCE, G. L. B. P. Micropolítica escolar e estratégias para o desenvolvimento do protagonismo juvenil. *Cadernos de Pesquisa* v. 36, n. 127, p. 51-85, 2006